



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA

ACONSELHAMENTO BÍBLICO: MÉTODOS E DIFICULDADES

MARCELO SILVA LIMA

BELÉM-PARÁ

2014



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA

ACONSELHAMENTO BÍBLICO: *MÉTODOS E DIFICULDADES*

MARCELO SILVA LIMA

Monografia apresentada em cumprimento às exigências
Do curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade
Teológica Batista Equatorial – FATEBE.
Orientador: Profº Benildo Veloso.

BELÉM- PARÁ

2014

LIMA, Marcelo Silva

ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Marcelo Silva Lima. Belém: Edição Independente, 2014.

Monografia (Graduado em Teologia) - Faculdade Teológica
Batista Equatorial. FATEBE

1. Definição – 2. Métodos - 3. Dificuldades I. Título.

NOMINATA

Diretor Geral

Dr. David Roman Riker

Diretor Acadêmico

Prof. Me. José Carlos de L. Costa

Coordenador de Pós-graduação e pesquisa

Prof^o Me. Elcio Sant'anna

Diretor Administrativo

Pr. Antonio Ronaldo Fermiano Souza

Secretaria Geral

Responsável: Sheila Gomes Carneiro Sousa

ACONSELHAMENTO BÍBLICO: *MÉTODOS E DIFICULDADES*

MARCELO SILVA LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito final para obtenção de grau de Graduação em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista
Equatorial/orientado pelo Profº Benildo Veloso Costa

Banca Examinadora:

1. _____ Profº Benildo Veloso Costa
2. _____ Profº Josué da Silva de Lima
3. _____ Profº José Leonel dos Santos Silva

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

“Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração”.

Hebreus 4.12

A G R A D E C I M E N T O S

Ao meu Deus, pela sua graça, e misericórdia e bondade.

A minha amada esposa Ana Roberta Silva Lima e nossos queridos filhos Alice, Vinícius e Caio. Pelo incentivo e encorajamento.

Aos meus professores pela dedicação na transmissão do conhecimento. Louvo a Deus por suas vidas.

A todos os companheiros de classe, que ajudaram nas apresentações.

Agradeço a direção, e todos os funcionários da FATEBE, pela atenção e carinho dispensados.

“Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seus corações”.

Colossenses 3.16

RESUMO

O presente trabalho mostra “Aconselhamento Bíblico: métodos e dificuldades”. Este é um importante instrumento para o desenvolvimento de atitudes que favoreçam um bom relacionamento. O trabalho tem por objetivo elucidar, de forma clara e objetiva, os aspectos principais do aconselhamento pastoral sobre sua definição e métodos, para, a partir daí, extrair uma conclusão acerca da importância que o aconselhamento tem nos dias atuais. O trabalho inclui três tópicos principais, os quais estão intrinsecamente ligados: a definição de aconselhamento bíblico e os quatro motivos principais para o aconselhamento bíblico; os métodos de aconselhamento bíblico; e o conselheiro e suas dificuldades destacando aquelas relacionadas entre o seu matrimônio e o seu ministério, e no seu relacionamento com o aconselhando. O trabalho, também, favorece um estudo específico sobre o aconselhamento cristão, apresentado pelos autores com visão bíblica. Tal recurso tem como objetivo fazer o levantamento de informações, a fim de verificar as alternativas à solução de problemas de ordem metodológica. Finalmente, o trabalho propõe uma ampla visão acerca do conselheiro e sua habilidade e sensibilidade de cultivar a confiança e o respeito, a responsabilidade moral, a resolução de conflitos e crises, o apoio emocional e o propósito espiritual, além do amor incondicional.

Palavras-chave: Aconselhamento bíblico, conselheiro, dificuldades, métodos.

ABSTRACT

This work shows "Biblical Counseling: methods and difficulties." This is an important tool for the development of attitudes that favoreção a good relationship. The study aims to elucidate in a clear and objective way, the main aspects of pastoral counseling about its definition and methods for, from there, reach a conclusion about the importance that counseling has today. The work includes three main topics, which are inextricably linked: the definition of biblical counseling and the four main reasons for biblical counseling; the methods of biblical counseling; and the counselor and difficulties highlighting those related between his marriage and his ministry, and his relationship with the counseling. The work also favors a specific study on Christian counseling, presented by the authors with the biblical vision. This feature aims to make the collection of information in order to verify the alternatives to the solution of methodological problems. Finally, the paper proposes a broad vision of the director and his skill and sensitivity to cultivate trust and respect, moral responsibility, conflict resolution and crisis, emotional support and spiritual purpose, in addition to unconditional love.

Word-key: Biblical Counseling. the director, difficulties, methods.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Co – Primeiro a Coríntios

Gl - Gálatas

Hb - Hebreus

Is – Isaías

Jo - João

1Jo – Primeiro a João

Jr - Jeremias

Mc - Marcos

Mt – Mateus

Pv – Provérbios

Rm - Romanos

Sl – Salmos

Tg - Tiago

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	1-11
1. INTRODUÇÃO	12
2. O ACONSELHAMENTO BÍBLICO	13
2.1 DEFINIÇÃO DE ACONSELHAMENTO BÍBLICO	13
2.2 OS QUATRO MOTIVOS PRINCIPAIS PARA O ACONSELHAMENTO BÍBLICO	14
3 OS MÉTODOS DE ACONSELHAMENTO BÍBLICO	16
3.1 O ACONSELHAMENTO DE APOIO	16
3.2 A TÉCNICA DIRETIVA	17
3.3 O ACONSELHAMENTO POR CONFRONTAÇÃO	23
3.4 INFORMAÇÃO E DIREÇÃO	25
3.5 ENVIO DO ACONSELHADO A UM ESPECIALISTA	26
3.6 O ACONSELHAMENTO EM GRUPO	28
4 O CONSELHEIRO E SUAS DIFICULDADES	30
4.1 ENTRE O SEU MATRIMÔNIO E O SEU MINISTÉRIO	30
4.1.1 A administração do tempo	30
4.1.2 As dificuldades financeiras	31
4.1.3 As questões de valores sócio-culturais	32
4.2 NO SEU RELACIONAMENTO COM O ACONSELHANDO	32
4.2.1 Proteção Espiritual	33
4.2.2 Reconhecimento dos Sinais de Alerta	34
4.2.3 Preservação da reputação	35
4.2.4 Disposição Mental	35
4.2.5 Proteção de um Grupo de Apoio	36
5 CONCLUSÃO	38
6 REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “Aconselhamento Bíblico: métodos e dificuldades”. A pesquisa pretende se concentrar especificamente no aconselhamento cristão. Este é um importante instrumento para o desenvolvimento de atitudes que favorecem um bom relacionamento. É necessária a transformação, a mobilização de ações, através do aconselhamento, com o propósito de inibir os conflitos, as agressões verbais e físicas, a infidelidade, as crises, o individualismo egoísta, a insensibilidade e instabilidade das consciências.

O propósito da pesquisa é elucidar, de forma clara e objetiva, os aspectos principais do aconselhamento bíblico sobre sua definição e métodos, para, a partir daí, extrair uma conclusão acerca da importância que o aconselhamento tem nos dias atuais. Assim, o estudo é dividido por três tópicos principais, os quais estão intrinsecamente ligados: 1) a definição de aconselhamento bíblico e os quatro motivos principais para o aconselhamento bíblico; 2) os métodos de aconselhamento pastoral, e 3) o conselheiro e suas dificuldades destacando aquelas relacionadas entre o seu matrimônio e o seu ministério, e no seu relacionamento com o aconselhando.

Fundamentalmente, a metodologia empregada é a bibliográfica. Esta vem favorecer um estudo específico sobre o aconselhamento cristão, apresentado pelos autores com visão bíblica. Tal recurso tem como objetivo fazer o levantamento de informações, a fim de verificar as alternativas à solução de problemas de ordem metodológica.

A presente pesquisa trouxe uma ampla visão acerca do conselheiro e sua habilidade e sensibilidade de cultivar a confiança e o respeito, a responsabilidade moral, a resolução de conflitos e crises, o apoio emocional e o propósito espiritual, além do amor incondicional. O aconselhamento é uma tarefa difícil. É comum quem duvida da sua eficiência, mediante atitudes de hostilidade e resistência, mas é necessário esclarecer algumas ideias sobre a motivação e dificuldades do conselheiro que até então eram pouco enfatizadas, com isso veio somar junto aos conhecimentos acadêmico e pastoral.

2 O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O desdobramento desta seção consiste na abordagem conceitual sobre o aconselhamento bíblico e os quatro motivos principais para o aconselhamento. Além disso, num panorama geral como este, o tratamento do jargão “bíblico” ou invés de “pastoral” ou “cristão”, foi empregado do ponto de vista de alguém que é profundamente comprometido com a fé cristã, embora este autor não tenha a intenção, em primeira instância, participar da polêmica entre os três termos. Haja vista que todos correspondem à realidade da crença cristã do amor a Deus sobre todas as coisas, e do amor ao próximo como a si mesmo.

2.1 DEFINIÇÃO DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Para John F. MacArthur, Jr. e Wayne A. Mack, aconselhamento é definido como sendo um ministério de ajuda.¹ Ele pressupõe um indivíduo que está sendo confrontado por certo gral de confusão, decepção ou desespero e uma segunda pessoa que se empenha para ajudar analisando a situação do aconselhado, procurando desemaranhar as questões envolvidas, de forma a oferecer conselhos e direções úteis e benéficas.

O que é aconselhamento? Segundo Heije Faber e Ebel Van Der Schoot, a palavra aconselhamento provem do latim “consilium”, que significa conselho, bem como discussão conjunta de um problema e o seu resultado.² Portanto aconselhamento consiste em uma conversação entre duas pessoas sobre um problema. Então entende-se que uma das pessoas está sobrecarregada de problemas e necessita resolve-los. É na conversação que se tem a possibilidade de encontrar a solução do problema, ou seja, a ênfase do aconselhamento está no fato do conselheiro proporcionar oportunidade para que o aconselhado se compreenda melhor. Eles tratam sobre o aconselhamento pastoral referindo-se que: “como pastor, ele tem uma tarefa específica, que é a de conduzir e manter pessoas na fé”, isto é ajudá-las a encararem-se na luz divina.³

O serviço pastoral, portanto, é o de fazer com que pessoas se tornem discípulos de Jesus e vivam como filhos de Deus. A serviço desse propósito o pastor administra a Palavra e os sacramentos, também quando mantém conversações pastorais. Em última análise, porém, as coisas não são tão

¹ MACARTHUR, John F.Jr., MACK, Wayne A. **Introdução ao Aconselhamento Bíblico**. Trad. Enrico Pasquini. 1ª.ed. São Paulo: Hagnos, 2004. p.87.

² FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A Prática da Conversação Pastoral**. Trad. Sílvia Schneider: Sinodal. Sao Leopoldo, RS. 1962. p. 182.

³ Ibid., p. 182.

fáceis como parecem. Na realidade, o pastor é o portador de uma mensagem que não é do homem, não é algo que ele possa achar dentro de si mesmo. A revelação e a fé são fundamentais elementos na conversação pastoral.

2.2 OS QUATRO MOTIVOS PRINCIPAIS PARA O ACONSELHAMENTO

2. BÍBLICO

Segundo Stanley E. Anderson o primeiro motivo é que a ministração de conselhos imita o ministério que Cristo realizou. Cristo realizou um grande número de entrevistas pessoais, inúmeros sermões proferiu diante de multidões, os Evangelhos reservam um grande espaço às entrevistas de Cristo e seus sermões, desta forma foi fiel a um dos títulos do Velho Testamento que o considera como “Conselheiro” (Is 9.6).⁴

Anderson faz referência a Jo 3.16: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” mostrando que Jesus utilizou o texto numa conversa com o homem chamado Nicodemos que desejava ter uma conversa reservada.⁵

Para Anderson a ministração de conselhos é vista na mensagem do Evangelho em relação às necessidades particulares de uma só pessoa em decorrência da mesma se mostrar consciente da aquisição do conselho.⁶ Desta forma, a medida que o ministro aprende a respeito das mais profundas necessidades de seu povo como o fez Cristo, torna-se mais objetivo em suas mensagens, em consequência disto ela torna mais proveitosa para o maior número de ouvintes.

O segundo motivo relacionado por Anderson ao aconselhamento pastoral se dá em função de que a ministração de conselhos multiplica o número de amigos. A multiplicação se dá pelo fato de que o pastor ao conseguir melhor entendimento em relação ao seu povo e por sua vez este percebe o empenho do ministro em relação a ajuda, acontece que se amplia e aprofunda o ciclo de amizades.⁷

⁴ ANDERSON, Stanley E. **Cada Pastor um Conselheiro**. Trad. Harold Renfrow. Casa Publicadora Batista Rio de Janeiro, RJ. 1963. p. 47.

⁵ Ibid., p.46.

⁶ Ibid., p. 48.

⁷ Ibid., p. 49.

⁸ Ibid., p. 50.

O fato é que repetidamente o ministro deve passar segurança em relação ao respeito, confiança e afeição, com propósito de fechar as feridas de tal maneira que haja cura das chagas mais profundas resultando no fortalecimento de corações. Anderson compreende que a ministração de conselhos é uma obra construtiva, pelo fato da base da amizade ser o elemento que atrai duas pessoas sendo que uma necessita do ajuste de vida num nível de existência sadio objetivando a cooperação nos propósitos da comunidade.⁸ Em consequência disto a pessoa que é capaz de oferecer soluções para determinadas perplexidades da existência, muitas serão as pessoas que passarão a respeitá-la profundamente.

O terceiro motivo conforme Anderson para o aconselhamento pastoral se dá pelo fato de que a ministração de conselhos robustece as Igrejas. Este fortalecimento se dá pelo equilíbrio da ministração de conselhos que é estabelecida com outros aspectos da atividade do pastor.⁸ Isto quer dizer que apesar dos sermões e a preparação destes ocuparem o centro das preocupações ministeriais uma vez que a pregação da Palavra é a primazia dos ministérios pastorais. Assim, não se deve negligenciar o tempo para os estudos, necessidades administrativas, reuniões de comissões, convocações várias à medida que estes estão sincronizados a períodos reservados com a ministração semanal de conselhos.

Conforme Anderson, o quarto motivo para o conselho pastoral se dá pelo fato de que a ministração de conselhos determina que os pastorados se façam mais longos.⁹ Neste sentido, o pastor conselheiro demonstrará mais capacidade para fazer seu trabalho de aconselhamento à medida que melhor aprende a respeito das necessidades dos membros de sua igreja. Esta aprendizagem o levará a ser capaz de prevenir as dificuldades de sua família eclesial, revelando no tempo certo sua atitude diplomática.

Da mesma forma, ao longo de suas experiências sua prática vai lhe capacitando a discernir a oportunidade dos assuntos de tal forma que possam ser ignorados ou esquecidos ou se os interesses da preservação da paz exigem que sejam tratados com clareza. Fazendo isso o pastor terá mais conhecimento das necessidades de seu povo em função da convivência íntima que possibilitará um melhor socorro. Com isso a permanência por mais tempo em seu campo de atividade levará o ministro a um aprofundamento sobre os problemas.

⁸ Ibid., p. 51.

⁹ Ibid., p.53.

3 OS MÉTODOS DE ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Dentre os métodos de aconselhamento considerados por Paul Hoff destacam-se: a) aconselhamento de apoio; b) a técnica diretiva; c) aconselhamento por confrontação; d) informação e direção; e) envio do aconselhado a um especialista; f) aconselhamento em grupo.¹⁰

3.1 O ACONSELHAMENTO DE APOIO

Ao tratar do aconselhamento de apoio, Hoff destaca que no momento da crise, que pode surgir em decorrência de muitas coisas: perda da casa por um incêndio, problemas financeiros, desilusões românticas, separação de esposos, perda do emprego, dentre outros, o modo normal da pessoa

¹⁰ HOFF, Paul. **O pastor como conselheiro**. 4. ed. São Paulo: Vida, 2002. p. 65. ¹²
Ibid., p. 65.

enfrentar a tensão não é adequado; ela sente-se só, e a ponto de afundar. Necessita ser apoiada e fortalecida.¹²

É necessário levar a pessoa a entender que nem sempre terá o apoio de um conselheiro e que então ela terá que empregar seus recursos psicológicos para enfrentar seus problemas e resolvê-los. O conselheiro fará o possível para evitar que o aconselhado recorra a saídas prejudiciais, tais como: negar que existe o problema, escapar do problema mediante a fantasia, e fazer uso de álcool e drogas, recusar ajuda ou não buscá-la, negar que tenha sentimentos negativos: ira, ódio, ansiedade ou culpa, lançar a culpa em cima dos outros, depender de outros para solucionar o seu problema, ou isolar-se de seus parentes e amigos.

O conselheiro oferecerá um ouvido atento e compreensivo à pessoa que necessita desabafar. Ele ajudará o aconselhado a encarar sua situação com realismo, a expressar abertamente seus sentimentos de pesar, temor, frustração, ressentimento e culpa; a aceitar que também tem muita responsabilidade para solucionar o problema; a enfrentar situações que não podem ser mudadas, como a morte de um ser querido. É bom mostrar também que todas as crises são oportunidades para uma aproximação de Deus e para se viver a experiência cristã de uma forma intensa.

Gary R Collins ao tratar sobre as técnicas de ajudas às pessoas, compreende que apoiar não leva o conselheiro a sustentar aqueles que são psicologicamente aleijados, no sentido de nunca aprenderem a enfrentarem sozinhos seus problemas.¹¹ Deve-se levar em consideração o temor da rejeição por parte do aconselhado, no momento em que abertamente fala do que está no coração (pensamento ou ações pecaminosas), desta forma arriscando-se a ser rejeitado ou criticado. Lembra Collins que a Bíblia nos orienta a confessar as faltas não somente a Deus em oração, mas também uns aos outros (Tg. 5.16).

Em relação à atitude quanto a confissões, a reação do conselheiro não deve ser de espanto ou rejeição, nem de conveniência à atitude pecaminosa. Mas a conduta do conselheiro segundo Gl 6.2 e Rm 15.1 é a de carregar os fardos uns dos outros. Além de que deve haver o regozijo no conselheiro pelo aconselhado que obtém vitórias, como também em ocasiões de tristezas, a atitude do conselheiro é chorar com os que choram (Rm 12.15). Portanto, dentro da técnica de apoio o conselheiro deve estar firme ao lado do seu aconselhado, trabalhando com o apoio emocional e espiritual para que haja mudanças de atitudes e de comportamentos do seu aconselhado, para que haja crescimento e maturidade.

¹¹ COLLINS, Gary R. **Ajudando Uns aos Outros: O papel dos cristãos no aconselhamento**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova. 1982. pp. 47-48.

3.2 A TÉCNICA DIRETIVA

Hoff quando trata da técnica diretiva identifica como sendo aquela em que a figura central é representada pelo conselheiro, o qual domina o processo do aconselhamento. Cabe ao conselheiro reconhecer os fatos, analisa-los e interpreta-los, em outras palavras, o conselheiro que utiliza a técnica diretiva é a parte ativa enquanto que o aconselhado coopera com ele.¹²

Quanto ao objetivo deste método compara-se com a técnica não diretiva, onde o paciente deve encarar a si próprio e a seu problema de modo que venha a descobrir suas potencialidades e fraquezas, adaptando-as às circunstâncias, bem como optando por uma solução. A condução deste processo cabe ao conselheiro, enquanto que o papel do aconselhado resume-se a esforçar-se para alcançar tal finalidade. Os psicólogos profissionais são destacados por empregarem esta técnica, na qual iniciam a entrevista colhendo dados. Nesta discussão MacArthur e Mack afirmam: “Precisamos cuidar para não cometer o mesmo erro em nosso aconselhamento. Se procurarmos interpretar os problemas das pessoas antes de coletarmos os dados necessários, conseguiremos, apenas, complicar esses problemas, em lugar de propiciar alívio”.¹³

Na realidade, o aconselhamento bíblico necessita se fundamentar em um método organizado de obtenção de informação que incorpora momentos substanciais de escuta ao aconselhado (Tg 1.19; Pv 18.15). É particularmente útil nas etapas iniciais do aconselhamento encorajar o aconselhado a ser aquele que mais fala.

Para MacArthur e Mack há uma preocupação quanto ao tipo de dados a coletar quando surge o questionamento: que informação precisamos ter que nos capacite a ajudar as pessoas na solução de seus problemas? Eles respondem que é necessário coletar dados em pelo menos seis áreas que dizem respeito ao físico, aos recursos, às emoções, às ações, aos conceitos e à história.¹⁴ Quanto aos problemas físicos, afirmam que podem tanto contribuir quanto advir de problemas espirituais uma vez que o sucesso do aconselhamento dependerá do entendimento a respeito de algo particular

¹² HOFF, Op. Cit., p. 67.

¹³ MacArthur e Mack, Op Cit., p. 241. Tiago 1.19 diz: “...seja pronto para ouvir, tardio para falar...” e em nenhum campo esse mandamento é mais importante que no aconselhamento. Em Provérbios 18.15 lemos que “o coração do sábio adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios procura o saber”. A pessoa sabia busca e adquire o conhecimento – não simplesmente pressuposições, especulações ou imaginações. E o conhecimento tem tudo a ver com fatos. O versículo sugere que a obtenção desses fatos exigirá o uso da nossa mente (no planejamento) e o uso de nossos ouvidos (no ouvir).

¹⁴ Ibid, p. 243.

da saúde do aconselhado. Eles apontam cinco aspectos referentes à vida física que podem afetar a saúde espiritual:

- a) sono - a irregularidade do sono pode causar problemas espirituais como a ansiedade, a preguiça e a culpa;
- b) dieta – precisa-se estar ciente do que os aconselhados comem, porque uma vez que o desequilíbrio emocional afeta o comportamento. É o caso de lidar-se com pessoas nervosas e hiper-ativas o tempo todo, sendo estimuladas por uma grande quantidade de açúcar e cafeína;
- c) exercício – a falta de exercício pode gerar ou aumentar a ansiedade uma vez que o stress diário produz substâncias químicas como a adrenalina que produz energia e deixa nossos músculos em estado de alerta. Entende-se que dados sobre a atividade física do aconselhado pode ser um relevante fator no aconselhamento de pessoas que lutam com a ansiedade e outras emoções nada piedosas;
- d) enfermidades – quando a doença não é causada por pecado pessoal pode ser um fator importante nas lutas e tentações que o aconselhado enfrenta, uma vez que podem levar à depressão;
- e) medicação – compreende-se que alguns casos de depressão moderada podem ser resolvidos descobrindo-se o medicamento que a pessoa está tomando e se ela causa efeitos colaterais, os quais geram a depressão.

Quanto aos recursos MacArthur e Mack compreendem que é uma área de dados à disposição do conselheiro. Apontam como sendo os mais importantes e espirituais. Desta forma é primordial fazer perguntas acerca da condição espiritual da pessoa logo no início do processo de aconselhamento.¹⁵ Caso o aconselhado seja cristão a coleta de dados deve ser mais profunda de modo que a pessoa demonstre o valor da fé que professa. E acrescentam que o conselheiro deve ter à disposição outros tipos de recursos que podem influenciar na dimensão espiritual: intelectuais, educacionais, sentimentais e sociais.

As emoções são apontadas também como uma área de coletas de dados para MacArthur e Mack, uma vez que, é identificado que algumas pessoas (e, infelizmente, alguns conselheiros) buscam eliminar as emoções negativas, depressão, ansiedade, medo, ou ira atacando as próprias emoções, por meio de medicamentos ou da terapia comportamental.¹⁶

¹⁵ Ibid, p. 246.

¹⁶ Ibid, p. 247.

Desta forma, precisa-se levar através do aconselhamento o reconhecimento da importância das emoções. Por outro lado, se o aconselhado é cristão deve-se levar em consideração o poder do Espírito Santo, o qual tem a capacidade de controlar suas emoções e de fazer o que Deus quer que façam à despeito de como se sentem (1Co 10.13).

As ações são consideradas por MacArthur e Mack a quarta área de coleta de dados. Eles entendem que devem ser consideradas de nossos aconselhados, o que fazem e o que não fazem. A Bíblia produz uma conexão entre as ações e outros aspectos da vida, uma vez que as primeiras exercem influência sobre a saúde espiritual, emocional e física. Eles apontam os mandamentos de Deus como convites à plenitude de vida, uma vez que não são meras obrigações, são oportunidades. Não são simples preceitos, são promessas.¹⁷

Desta forma, entendem que o conselheiro que leva os mandamentos de Deus a sério, precisa reconhecer a relação (conexão) entre a obediência a Deus e a todos os aspectos da vida, além de precisar reunir dados acerca das ações do aconselhado a fim de certificar-se de que estão no prumo com a Palavra de Deus.

Os conceitos é a quinta área a ser considerada na coleta de dados, assim entendem MacArthur e Mack. Para eles o conceito é descrito como sendo “os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4.12). Também, se incluem as convicções, atitudes, expectativas, desejos e valores pessoais.¹⁸

Desta forma, pode-se chegar a uma compreensão sobre em que ou em quem as pessoas estão confiando e dependendo; o que e a quem temem; ao que e a quem estão ouvindo; do que e de quem estão dependendo; ao que e a quem estão servindo; o que ou quem são seus deuses; o que e quem lhes controla e diz o que devem fazer.

Os dados históricos são considerados por MacArthur e Mack como a última área a ser considerada na coleta de dados. Os dados históricos consistem na informação acerca do contexto da vida passada e presente das pessoas, que envolvem circunstâncias externas da vida, influências ou pressões que experimentaram ou estão experimentando, a maneira como as pessoas pecaram contra elas, suas frustrações e sofrimentos, seus fracassos, tentações, bênçãos temporais, sucesso, confortos, riquezas, entre outros. Eles entendem que não se deve ignorar o passado uma vez que o que aconteceu no passado influencia de fato, nossos aconselhados, especialmente se existem

¹⁷ Ibid, p. 248.

¹⁸ Ibid, p. 249.

padrões de pecar ou se tiver fornecido a eles a desculpa de jogar a culpa nos outros por seus problemas.¹⁹

Ainda dentro da técnica diretiva Holff aponta como segundo passo da mesma como a organização, a avaliação e a interpretação dos dados para se traçar o histórico da vida do aconselhado.²⁰ Dentro da interpretação dos dados MacArthur e Mack entendem que: “Não importa quantas informações obtemos acerca de nosso aconselhado; elas não terão valor a menos que as utilizemos para tirar conclusões sobre o que está acontecendo na vida dele”.²¹

De fato, o conselheiro não precisa apenas reservar a interpretação de dados para si mesmos; em muitos casos necessita ajudar o aconselhado a reinterpretar suas informações, pois, é existe a possibilidade que ele já tenha tirado conclusões erradas acerca de sua realidade.

Trabalhando com uma definição de interpretação de dados MacArthur e Mack apontam como sendo a explicação da análise e conceituação ao aconselhado de forma que ele compreenda a natureza e as causas reais das dificuldades, a partir de uma perspectiva bíblica e acrescentam que o conselheiro bíblico atingira o alvo da análise precisa e da explicação clara seguindo os quatro passos: 1º. Coleta de dados adequados; 2º. Interpretar os dados; 3º. Formular uma interpretação dos dados que seja funcional; 4º. Testar a validade da interpretação.

O primeiro ponto da coleta de dados – já foi visto anteriormente – MacArthur e Mack enfatizaram as áreas: físico, recursos, emoções, ações, conceitos, história.²²

O segundo passo, interpretar os dados representa o aspecto mais difícil do processo. Perguntas são trabalhadas por MacArthur e Mack no processo de interpretação, tais como: qual a categoria bíblica que melhor descreve a pessoa que estou aconselhando? Qual linguagem bíblica melhor descreve os problemas que essa pessoa está experimentando? Quais perspectivas a Bíblia nos fornece acerca das causas aproximadas desses problemas? O que os dados sugerem acerca do relacionamento dos vários problemas entre si? Quais obstáculos à mudança bíblica existem na vida do aconselhado? O que os dados indicam acerca das expectativas e desejos da pessoa quanto ao processo de aconselhamento? O que os dados indicam acerca de quaisquer possíveis fatores orgânicos ou

¹⁹ Ibid, p. 251.

²⁰ HOFF, Op. cit., p. 67.

²¹ MacArthur e Mack, Op cit, p. 263. “O processo do aconselhamento bíblico (...) depende de uma interpretação precisa dos problemas do aconselhado. Se a interpretação do aconselhado estiver errada, a instrução, o encaminhamento e a implementação também serão errados. Uma compreensão precisa do significado dos dados coletados fornece norteamento estratégico para todo o processo de aconselhamento”.

²² Ibid., pp. 265-267.

psicológicos? O que os dados indicam acerca da motivação? Já enfrentei uma situação com um problema semelhante? Já aconselhei alguém com problemas semelhantes anteriormente? ²³

O terceiro passo, a formulação de uma interpretação dos dados que seja funcional, entendem que consiste em utilizar as respostas com a finalidade de tirar conclusões experimentais – porque ainda não foram testadas -- sobre o caso. Eles compreendem que o processo de aconselhamento permanecera indefinidamente a não ser se houver um momento em que se identifiquem possíveis problemas e soluções.²⁴

A determinação de possíveis causas do problema consiste em identificar o que deve estar acontecendo no coração do aconselhado. Levando em consideração a palavra de Deus, comportamento pecaminoso consiste em uma indicação externa dos problemas do coração. Citam alguns ensinamentos das Escrituras sobre o coração (Sl 34.18; 51.10,17; 119.11; Pv 4.23; 27.19; Jr 17.9-10; Mc 7.21-23). Entendem que os conselheiros bíblicos reconhecem o lugar de importância do coração dentro do processo da compreensão e ajuda às pessoas.

O quarto passo, o teste da validade de interpretação, MacArthur e Mack afirmam, ser necessário por causa das conclusões, que serão hipotéticas, o que podem consistir em uma interpretação errônea da questão. Mesmo levando em consideração a compreensão bíblica acerca da natureza e das causas, as conclusões devem ser colocadas à prova. Para isso MacArthur e Mack levam em consideração os seguintes passos²⁵ para ajudar na validade interpretativa:

1) Rever as anotações mentais escritas para confirmar que a informação adquirida fornece uma base dos dados para as conclusões. Deve refletir sobre em oração nos dados novamente para ter certeza de que você não está lendo conforme suas próprias pressuposições ou opiniões. Não

“atire no escuro” – permita que os fatos norteiem suas interpretações (Pv 18.2,3,15).

2) Considerar a possibilidade de existir outras formas de interpretação ou entendimento do que está acontecendo na vida da pessoa. Deve-se indagar: “poderia haver outra alternativa? Estou deixando de perceber alguma coisa? Existe outra explicação?”

3) Fazer a solicitação de informação adicional, tendo a consciência de que as informações poderão conduzi-lo a uma perspectiva diferente. Deve-se prosseguir na coleta de

²³ Ibid., pp. 267-277.

²⁴ Ibid., p.p 277-280.

²⁵ Ibid., p. 280-281

dados durante o aconselhamento. Faça com que seus aconselhados mantenham sempre um diário de aconselhamento (p. ex: o aconselhado descreve cada acontecimento de certo comportamento durante a semana). Cuidadosamente deve-se analisar esses diários procurando padrões, temas, e outras informações que possam validar ou invalidar sua interpretação. Os dados adicionais de outras fontes confiáveis são importantes. Convide-as para o aconselhamento, peça que preencham formulários de inventário especializados, telefone para elas, ou avise-as.

4) Discutir o caso com outros conselheiros bíblicos experimentados, sem mencionar nomes ou identificar detalhes, e solicitar que expressem seu ponto de vista e sugestões. Quais falhas eles enxergam em sua interpretação? Eles acham que você pode estar passando por cima de algumas informações? Concordam que os fatos corroboram suas conclusões?

5) Explique sua interpretação ao aconselhado com amor, de forma gentil e prudente, e solicite o retorno dele, se confirma, invalida, ou forneça outra alternativa para sua interpretação. A importância desses passos acima consiste em eliminar a possibilidade de erro e se chegue mais perto da conclusão correta. Repensar os dados, investir um tempo determinado, se sua interpretação saiu por alguma tangente. Desta forma, se o aconselhado discordar de sua interpretação é tarefa sua dar instruções com amor de forma que o aconselhado aprenda a pensar biblicamente acerca de seu problema. Assim, o conselheiro deve apresentar sugestões de soluções fazendo um diagnóstico do esforço rumo à solução.

3.3 ACONSELHAMENTO POR CONFRONTAÇÃO

Holff entende que os que apoiam este tipo de aconselhamento compreendem que ninguém pode ajudar uma outra pessoa que não esteja disposta a enfrentar a sua situação, a confessar o seu pecado e a realizar o que for necessário para livrar-se do seu problema. Ele cita os passos que são adotados pelo aconselhamento que empregam o método de confrontação:²⁶

1) O conselheiro obterá dados acerca do problema, pesquisando os antecedentes dele. Fará questionamentos para ter um conceito claro da situação e para ajudar o aconselhado a reconhecer sua responsabilidade e culpa no problema. Caso o aconselhado não reconheça sua

²⁶ HOLFF, Op. Cit., p. 72-73.

responsabilidade, lançando a culpa sobre os outros e dando desculpas, o conselheiro se verá obrigado a tomar uma atitude mais objetiva e enérgica;

2) O conselheiro fará uma confrontação entre o aconselhado com as palavras de seu mal comportamento. O objetivo é conduzir o aconselhado a reconhecer que há pecado, e que ele tem que enfrentar a realidade para que haja a restauração de sua relação com Deus e seus semelhantes (Gl 6.1). É necessário que o pastor não se esqueça que ele não é Deus, e sim um pecador perdoado sob a direção do Espírito Santo, cuja obra é convencer o mundo do pecado (Jo 16.8);

3) O conselheiro deverá continuar aceitando o aconselhado mesmo nos casos em que este não queira reconhecer de modo nenhum as suas culpas. Não se deve discutir com o aconselhado para convencê-lo de que é responsável por sua própria situação. Com o diálogo as evidências da culpa podem ser aceitas pelo aconselhado, pois, as palavras do pastor podem servir como semente, mas necessitam de tempo para germinar;

4) O conselheiro deverá levar o aconselhado a confessar o seu pecado a Deus e confiar em seu amor perdoador (1Jo 1.9). O aconselhado não sendo cristão, pode ser que o conselheiro seja a única pessoa a quem o aconselhado confesse a sua falta e desconheça como fazê-lo a Deus;

5) O conselheiro deverá ajudar o aconselhado, na medida do possível a acertar as contas com as pessoas prejudicadas pelo seu comportamento. Em seguida, o conselheiro deve ajudá-lo a levar uma vida digna de seu arrependimento.

Sobre confrontação, Collins entende que o conselheiro escute, realize comentários além de apoiar o auxiliado, enfocando o seu comportamento, atitudes ou pensamentos que necessitam ser transformados.²⁷ Na realidade, a participação do conselheiro tem como base a ajuda no desenvolvimento desta transformação e para isto é necessário que exista um confronto firme, porem gentil.

Desta forma, Collins acredita ser a confrontação a técnica central de Jesus lidar com as dificuldades e necessidades de transformações de comportamentos. Além disso, acredita que a confrontação deve ser realizada de maneira suave e sem julgamento (Gl 6.1; Mt 7.1), de modo que o conselheiro possua coragem necessária para combater a resistência que pode ser aberta ou passiva no

²⁷ COLLINS, Op. Cit., p. 48, Collins ressalta a prática de Jesus quanto à confrontação: os fariseus foram confrontados com a sua hipocrisia, os discípulos com a sua falta de compreensão espiritual, Marta, com as suas atividades domesticas e o jovem rico com os seus valores materialistas. ³⁰ Ibid., p. 49.

aconselhado, o qual não tenha o desejo de enfrentar o seu pecado ou questões difíceis que envolvem a inconsistência de sua vida.³⁰

Collins aconselha que como conselheiro não se deve condenar, mas sim ajudar, não despertar problemas, mas sim curar. E dentro do desenvolvimento da confrontação o conselheiro deve apoiar, e dar oportunidade ao aconselhado de responder à confrontação, ou mediante a expressão das suas reações, ou mediante a alteração do seu comportamento. O trabalhar “juntos” como um time de pessoas iguais, possibilita a realização de soluções, contrária ao posicionamento-juiz que domina sobre o auxiliado-vítima.²⁸

3.4 INFORMAÇÃO E DIREÇÃO

Holff entende que o pastor deve reconhecer que não é um especialista em tudo e desta forma com humildade deve admitir sua limitação, pela falta de domínio em determinados assuntos, cabendo-lhe indicar às pessoas, onde elas podem obter informações e como buscar a direção divina. E acrescenta que o pastor sábio é aquele que contribui para a reunião de informações necessárias e a exploração das possibilidades, a exemplo, “se um jovem tem interesse em ser engenheiro, convém saber se ele tem vocação para a engenharia se tem possibilidades de preparar-se em uma universidade, e se o mercado de trabalho é bom para o engenheiro”.²⁹

Em outros casos, perguntas a respeito de sexo, namoro e casamento são feitas pelos jovens, neste momento o conselheiro pode dar informação ou recomendar ao aconselhado ler um livro à cerca do problema enfrentado (como tentação, fraquezas morais, masturbação, entre outros). Então, Holff aconselha que deva haver uma oportunidade em que o próprio aconselhado possa encontrar informações e buscar soluções para o seu problema, além do pastor expressar sua aprovação por meio de elogios ao jovem que demonstra ter aprendido através do bom aproveitamento das informações dadas. Isto representa o encorajamento de passos construtivos.³⁰

V. James Mannóia entende que o pastor que almeja eficácia no seu conselho precisa tomar cuidado com o egocentrismo, pois este comunica ao aconselhado um ar de profissionalismo. O

²⁸ Ibid., p. 49

²⁹ HOLFF, Op. Cit., p. 73.

³⁰ Ibid, p. 75.

egocentrismo tona o pastor como o centro das atenções, sua posição vem em primeiro lugar do que o papel de servir.³¹ E acrescenta Manóia algumas características dos pastores egocêntricos:

- a) estão sempre com muita pressa ou com programa de trabalho muito sobrecarregado;
- b) monopolizam o tempo não dando oportunidade para determinação dos reais problemas a serem tratados;
- c) estão sempre sorrindo e concordando sempre. Rollo May em seu capítulo “Leitura do caráter” aponta que a maior característica do aconselhador é a sua grande sensibilidade às pessoas, as suas esperanças, seus medos e tensões de personalidade.³² O aconselhador deve ser sensível a todas as pequenas expressões do caráter, como o tom de voz, a postura, a expressão facial, e até mesmo o modo de trajar e os movimentos aparentemente acidentais do corpo.

Dentro ainda do método informação e direção Holff destaca o aspecto da “orientação preventiva” o qual se caracteriza em ajudar as pessoas a evitar em passar a ter problemas. É o caso do pastor que comunica aos jovens a respeito do controle da sexualidade, impulsos sexuais, os aspectos a serem considerados na escolha do futuro cônjuge.³³

Alguns pastores em suas igrejas adotam a atitude de aconselhar o casal para obter as condições necessárias para o sucesso no casamento. Esta orientação preventiva pode ser feita em grupos, individualmente ou em particular, sempre deixando as pessoas à vontade para formular perguntas e discutir sobre o assunto, além de, estudar antecipadamente sobre o assunto e sugerir maneiras de evitá-los, e por fim utilizando as Escrituras apropriadamente.

3.5 ENVIO DO ACONSELHADO A UM ESPECIALISTA

É caracterizado por Holff em buscar ajuda de pessoas melhor treinadas no que se refere à neurose e demência podendo ser incluídas pessoas gravemente perturbadas, indivíduos profundamente deprimidos, aquelas a ponto de suicidar-se, doentes necessitados de atenção médica, entre outros. Faz-se necessário que o pastor tenha uma lista pessoal de nomes e endereços de psiquiatras, advogados e outras pessoas chaves, preferencialmente, de confiança, e crentes tementes a Deus.³⁴

³¹ MANÓIA, V. James. Aconselhamento Pastoral. São Paulo: Aste, 1962. p. 125.

³² MAY, Rollo. A Arte do Aconselhamento Psicológico. trad. Wayne Tobelem dos Santos e Hipólito Martendal. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Vozes 1984 p. 204.

³³ HOLFF, Op. Cit., p. 75.

³⁴ Ibid., p. 76.

Holff menciona Collins, quanto aos perigos desta técnica: “a) o aconselhado pode sentir-se rejeitado; b) o pastor pode apressar-se em aconselhar a pessoa que recorra a uma outra ajuda, não percebendo que ele mesmo a poderia ajudar; c) o conselheiro às vezes sugere a ajuda de outra pessoa que não tem a capacidade de solucionar o problema do aconselhado”.³⁵

Collins considera que um dos modos mais importantes de ajudar as pessoas é encaminhá-las, levando-as às fontes mais profissionais de ajuda. Ele entende que isto não é uma confissão de fracasso, mas um reconhecimento da maturidade de um conselheiro não poder ajudar a todas as pessoas. Ele entende que é dever do conselheiro apoiar e encorajar em curto prazo enquanto se procura conduzir o aconselhado a outra pessoa que tem a possibilidade de fazer um trabalho melhor como ajudador. Ele aconselha que se deve ter em mente três perguntas: para onde encaminhar? Quando encaminhar? Como encaminhar? Em resposta ao primeiro questionamento (para onde encaminhar?), é destacada a utilização pelos conselheiros ou ministros ter um fichário de pessoas e lugares para os quais os aconselhados podem ser encaminhados. Este encaminhamento pode ser difícil em áreas remotas dos grandes centros, devido à limitação das escolhas, contudo nas grandes cidades a possibilidade aumenta.³⁶

Collins lista uma série de profissionais em instituições reconhecidas como ajudadores, é o caso dos psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, psiquiátricos autorizados, médico clínico, dentista, banqueiro; e também grupos ou clínicas de saúde mental, os hospitais psiquiátricos, centro de orientação vocacional, agencia de emprego, sociedade de assistência jurídica, agencia de assistência social, agências governamentais (Senai, Senac, organizações leigas como: Alcoólatras anônimos).³⁷

Em resposta ao segundo questionamento (Quando encaminhar?), Collins entende que este momento ocorre quando o conselheiro não tem tempo, resistência, estabilidade emocional, perícia ou experiência para continuidade do aconselhamento. O quando encaminhar é caracterizado no exato momento em que não se está ajudando a pessoa a lidar com o problema da vida ou no seu desenvolvimento como ser humano.³⁸ É salientado a importância de procurar a ajuda de fora: para aqueles que apresentam dificuldades jurídicas e financeiras, usam drogas ou álcool, e que

³⁵ Ibid., pp. 76-77.

³⁶ COLLINS, Op. Cit., p. 116.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

apresentam depressão, perturbação, desejo de suicídio, sentimento de aversão, estímulo sexual, ou ameaça no conselheiro, entre outros.

Quanto ao terceiro questionamento (Como encaminhar?), Collins entende que é importante que o aconselhado não se sinta rejeitado, mas o processo do aconselhamento deve ser de modo suave, levando em consideração que o conselheiro traga o aconselhado para a decisão do aconselhamento, uma vez que ambos são cooperadores e juntos têm a finalidade de solucionar alguns problemas.³⁹

3.6 ACONSELHAMENTO EM GRUPO

Holff entende que em muitos lugares pequenos grupos (células) são formados para realizar atividades religiosas e sociais e isto torna uma realidade de crescimento espiritual, grupos pequenos com objetivo do estudo, da oração, a trabalhar juntos, levar as cargas uns dos outros. Esta prática é adotada por alguns conselheiros, que formam pequenos grupos com o fim de aconselhar várias pessoas ao mesmo tempo. Essas pessoas reunidas recebem a denominação de

“grupos terapêuticos”, que tem como característica a não exclusividade do pastor como o único conselheiro, pois a tantos conselheiros como membros, ou seja, no momento específico um indivíduo pode tornar-se o conselheiro do grupo. Há uma interação na escuta, na aceitação, no apoio, no confronto.⁴⁰

Em linhas gerais, os membros dirigem seus comentários uns aos outros e não ao líder. O papel do pastor como líder do grupo, está na participação, na observação e no estímulo a conversação, evitando que os membros se desviem do tema, escutando e comentando conceitos, esclarecendo frases obscuras e de duplo sentido, além de impedir emoções que prejudiquem o relacionamento entre os membros, e não monopolizando a conversação, mas dando espaço à participação de todos. Conforme Holff, existem algumas normas para serem observadas neste tipo de aconselhamento. Em primeiro lugar, deve haver uma relação de confiança com base na promessa dos participantes em manter em segredo tudo o que for conversado nas reuniões. Do contrário, ninguém teria plena confiança de expor os problemas de sua vida. Em segundo lugar, cada um deve tirar a máscara de si mesmo e não aparentar ser o que não é ou o que não sente. Na realidade, não deve abusar de sua liberdade denegrindo os outros ou relatando incidentes demasiadamente íntimos. Não deve haver

³⁹ Ibid., p. 117.

⁴⁰ HOFF, Op. Cit., p. 77.

a monopolização da conversação; cada integrante deve ter a oportunidade de expressar-se. Cada integrante deve ajudar-se mutuamente a levar a carga e a orar uns pelos outros.⁴¹

A importância do sigilo é a questão mais delicada na relação, conselheiro e aconselhado. É um campo essencial, contudo muito fácil para tropeços e a perda total de uma relação de confiança em assuntos de igreja, em supervisão e encaminhamentos, aconselhamento de famílias e lapsos involuntários.

⁴¹ Ibid, p. 78.

4 O CONSELHEIRO E SUAS DIFICULDADES

O ministério pastoral do conselheiro e seu matrimônio, além do relacionamento com o aconselhado são as tensões da vida do conselheiro. Em relação as dificuldades do conselheiro e sua família são destacados a administração do tempo, as dificuldades financeiras e as questões de valores sócio-culturais. E a relação do conselheiro com o aconselhado destacam-se a proteção espiritual, o reconhecimento dos sinais de alerta, a imposição dos limites, a disposição mental, e a proteção de um grupo de apoio.

4.1 ENTRE O SEU MATRIMÔNIO E O SEU MINISTÉRIO

É importante atentar para o processo do aconselhamento como um todo. Devem-se destacar os elementos que ele envolve. Por isso a necessidade no estudo dessa sessão das dificuldades relacionadas ao conselheiro seu Matrimônio e Ministério.

4.1.1 A administração do tempo

A jornada de trabalho pastoral demanda tempo. O cuidado com as pessoas requer muita atenção e consome muito tempo, além das pressões na administração do tempo na vida pessoal do conselheiro. Isto ocorre pelo serviço que exige a presença em todas as reuniões; nas horas mais diversas, deve estar disponível para atender as chamadas telefônicas dos irmãos.

Sobre sua vida ministerial, R. Kent Hughes comenta que em casa sua esposa percebeu que ele não dava a devida atenção aos filhos. Então, ela o confrontou não se importando com a sua ausência, mas gostaria que em casa sua presença fosse real.⁴²

Na realidade, a resposta é que o conselheiro estabeleça limites, no sentido de deixar de assumir responsabilidades reduzindo sua jornada de trabalho pastoral para estar com sua esposa e seus filhos. O conselheiro deve procurar dispor um tempo com sua própria família, pois, a privacidade é algo que deve receber atenção, e em consenso se deve estabelecer com toda a família.

4.1.2 As dificuldades financeiras

As pressões financeiras são decorrentes dos baixos salários pastorais, consequentemente, trazem dificuldades para sua família. “As finanças quase sempre causam estresse profundo ao casamento dos ministros”.⁴³ O conselheiro, geralmente é uma pessoa com baixa remuneração e não valorizada. As igrejas valorizam mais o templo e seus objetos, do que o salário pastoral. É dada mais atenção para uma cozinha, um prédio e toda a parte física do que as pessoas. Em sua maioria, o ministério pastoral não é valorizado pelas igrejas. A falta de valorização leva o pastor à procurar benefícios “lá fora”, para suprir as necessidades de sua família.

Há de se observar que quando as esposas dos ministros conselheiros passam a ganhar o dobro ou o triplo que seu marido, isso pode despertar o espírito de revanche de algumas esposas por tantos anos de submissão ou ferir o narcisismo de alguns pastores. Ao lado disso, as igrejas apresentam a perspectiva que as esposas dos pastores sejam uma ajudante de seu próprio marido. Algumas igrejas costumam se sentir decepcionadas se tal papel não é satisfeito a contento. A resposta para os problemas financeiros é de que o conselheiro e sua família devem vencer o critério materialista quanto ao poder do dinheiro, no sentido de que valores como amor, afeto, respeito devem ser cultivados. Tais valores divinos devem estar sempre presentes e o dinheiro com o seu poder submetido àqueles. O bom senso é importante, pois, não existe vacina contra o fracasso da vida conjugal, mas pode ser evitada.

⁴² R. Kent Hughes apud GRUDEM, Wayne; RAINEY, Dennis. **Famílias Fortes, Igrejas Fortes: os desafios do aconselhamento familiar**. trad. Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2005. p. 32.

⁴³ GRUDEM, Op. Cit., p. 34.

4.1.3 *As questões de valores sócio-culturais*

As transformações sócio-culturais provocam um ritmo acelerado das pressões em qualquer família (a família do conselheiro não está à margem desta mudança), afetando a estrutura familiar. Como exemplo das transformações sócio-culturais a crescente intensificação da atividade da mulher no mercado de trabalho provoca mudanças devido a busca de melhores participações no mercado de trabalho. Na realidade, as esposas sofrem dupla jornada, e isso causa ausência da mesma em seu lar, ausência ao convívio familiar gerando falta de relacionamento com o seu marido e filho(s). Sobre as consequências dos valores principais da cultura popular nos lares Hughes afirma:

Ultimamente, muitas mulheres de pastor vêem o ministério do marido como algo separado da vida em família: “esse é o trabalho dele. Eu tenho meus próprios interesses e objetivos”. Outras não percebem o ministério como “chamado”, mas meramente como uma profissão comum, como a de advogado ou professor, e por isso argumentam: “ele tem a profissão dele, e eu, a minha. Ambas são igualmente importantes.”⁴⁴

A realização pessoal é alvo de busca constante, pois, a sociedade exige tal obrigação. Porém, a família pastoral necessita adaptar-se à nova situação gerada pelas estruturas sócio-culturais, isto não significa um abandono dos princípios no qual a fé está baseada, mas, o pastor e sua esposa devem aprender a conviver em uma situação nova. E isto não significa abandonar ou desistir do Evangelho. É uma questão de reinterpretação da realidade em função do contexto sócio-cultural.

4.2 NO SEU RELACIONAMENTO COM O ACONSELHANDO

⁴⁴ GRUDEM, Ibid., p. 34.

As confidências causam armadilhas que necessitam ser conhecidas pelos conselheiros. Geralmente, no aconselhamento há um grande envolvimento emocional. É preciso refletir sobre a incerteza, a ansiedade, o desejo de insatisfação sexual do aconselhado.

Em um relacionamento de estreita cooperação é natural o surgimento de sentimentos de companheirismo e afeto entre duas pessoas de sexos opostos. Uma atração sexual entre o conselheiro e o aconselhando caracteriza um envolvimento prejudicial a eficácia do aconselhamento. Isto ocorre pela perda da objetividade, em função de não se distinguir com clareza o papel e a responsabilidade de cada um.⁴⁵

É necessário que os conselheiros tenham atenção quanto a distinção entre objetividade e o envolvimento emocional causado por fantasias destrutivas, em que consistem as armadilhas nas confidências do aconselhamento. O autocontrole através da proteção espiritual, reconhecimento dos sinais de alerta, imposição a si mesmo de limites, disposição mental, e a proteção de um grupo de apoio podem afastar o perigo da imoralidade sexual, na qual os conselheiros podem evitar.

4.2.1 Proteção Espiritual

O padrão de vida do conselheiro cristão ocorre em “meditar na Palavra de Deus, orar (incluindo-se aí a intercessão de outras pessoas) e, confiar na proteção do Espírito Santo”.⁴⁶ Tal padrão não se harmoniza com a imoralidade que cresce a cada dia, destruindo lares. É preciso identificar que a imoralidade representa na qualidade de quem é imoral, de um indisciplinado, de um rebelde contra Deus. É aquele que se apresenta como um ser desonesto e devasso.

O conselheiro cristão deve ser alguém marcado pelo amor de Cristo, e suas atitudes como instrumento de Deus para ajudar as pessoas através do apoio emocional e espiritual. Ocorre que o apoio afetivo dado pelo conselheiro consiste na capacidade de estar ao lado do aconselhado nos momentos de sofrimento, de tristeza, de maior carência, sem que exista o envolvimento sexual. Do contrário, é desenvolvido um inadequado apoio afetivo, com base na paixão, no encantamento irracional que conduz as pessoas casadas a manterem uma relação imoral. A fantasia dos pensamentos estará sempre presente no relacionamento, proporcionando o pecado ao ambiente que Deus escolheu para a santificação.

⁴⁵ COLLINS, Op. Cit., p. 30.

⁴⁶ Ibid., p. 35.

4.2.2 Reconhecimento dos Sinais de Alerta

O comportamento que Deus requer dos conselheiros é de uma postura de alerta. As recomendações de Collins, em relação a cada aconselhado, são quanto ao horário cada vez maior da visitação, a frequência dos elogios e presentes, uma inclinação tão grande para falar cada vez mais sobre sexo e queixas de solidão.⁴⁷

O envolvimento físico que começa com leves toques é o principal sinal de alerta. Desta maneira, o conselheiro não deverá tocar o aconselhado desnecessariamente, especialmente se for do sexo oposto. Na realidade, a satisfação de natureza sexual exige contato físico.

Albert Friesen enfatiza que por trás de um aconselhado triste e deprimido é natural que haja fortes desejos de afeto, e que um simples abraço, às vezes, isso é feito aparentemente com a melhor das intenções, mas sempre com o pior dos resultados.⁴⁸ Neste sentido, a fonte de contato físico pode alimentar as fantasias sexuais no aconselhado, por isso, conselheiro passaria a ser objeto de desejo. O perigo é de que uma esposa que não receba atenção de seu marido com facilidade transferirá o sentimento de afeto para o conselheiro.

Na verdade, o atendimento de uma pessoa completamente apaixonada pelo conselheiro perde todo o seu objetivo. No sentido de que o problema a ser tratado deixa de existir. Neste caso, o conselheiro não deve corresponder aos sentimentos e desejos do aconselhado, no sentido de lhe fazer elogios a sua personalidade, de discutir problemas íntimos ou de buscar oportunidade de encontros em reuniões sociais.

É importante que o conselheiro comente sobre o casamento de forma positiva. Isto é caracterizado como uma relação dada por Deus para satisfação e sucesso do ser humano. Do contrário, o atendimento deve ser paralisado, e conseqüentemente, o aconselhado é encaminhado para outro conselheiro.

⁴⁷ COLLINS, Ibid., p. 34.

⁴⁸ FRIESEN, Albert. **Cuidando do Ser: Treinamento em Aconselhamento pastoral**. Curitiba: Esperança, 2000. p. 158.

4.2.3 Preservação da reputação

A marcação do local e de horários fixos, é uma estratégia que beneficia o atendimento conforme a necessidade de cada um conselheiro. O gabinete pastoral na igreja constitui-se em um ótimo local para se registrar a sessão de aconselhamento. A opção de se fixar um local poderá impedir o julgamento errôneo de um cônjuge inseguro, que facilmente sente ciúme.

A experiência do aconselhamento indica que a tendência dos aconselhados é o abuso da privacidade do conselheiro. Isto decorre do aconselhado considerar a disponibilidade do conselheiro ser acessível o tempo todo, seja em qualquer lugar e ocasião, seja nos encontros sociais como casamento, aniversários, retiros, entre outros.

Mesmo tendo um local fixo próprio para o desenvolvimento da atividade prática do aconselhamento, ocorrem riscos quanto à reputação e integridade. Friesen argumenta que “se o local de aconselhamento for sempre o mesmo, então ninguém poderá interpretar que há encontros secretos”.⁴⁹ Assim, para que se possa evitar suspeitas e comentários pelos encontros de tratamentos, há a opção de se fixar um local que poderá impedir o julgamento errôneo de um cônjuge inseguro, que facilmente sente ciúme.

4.2.4 Disposição Mental

A disposição mental dos homens é alterada cada vez mais, devido às novidades das intimidades sexuais no mercado dos livros, televisão, internet. Esta é a grande responsável pelo afastamento da cultura tradicional cristã do amor, da honra e da dignidade.

Na verdade, as pessoas não estão livres das inquietações, seja em qualquer esfera de sua vida. É difícil negar os impulsos sexuais, em uma época cuja própria forma de pensar e agir privilegia a capacidade de sedução, o ato da conquista.

O conselheiro cristão deve pensar sobre a sua capacidade de amar o próximo, não como sentimentos imorais do mundo, mas como o Senhor Jesus, que teve como fundamento o amor (Mt 22.37-39).

⁴⁹ FRIESEN, Op. Cit., p. 160.

Collins entende que a tentação sexual pode destruir a vida do conselheiro quanto a sua reputação profissional, seu casamento, pois, seu envolvimento sexual fora do casamento é pecado.⁵⁰ Os conselheiros cristãos devem expressar a vivência do amor. Não há meio-termo, ou se ama radicalmente e verdadeiramente àquele que precisa de sua ajuda, mesmo sendo do sexo oposto, ou não é credenciado para se apresentar como seguidor de Cristo Jesus.

O perigo é a orientação do conselheiro ser contrária a vontade de Deus, pois, todo o conselheiro cristão deve se preocupar em buscar a orientação de Deus sobre o que seja certo ou errado, procurando cumprir seus mandamentos (Jo 14.15). Apesar disso, muitos conselheiros não se preocupam em entender os ensinamentos bíblicos, e adotam como padrão o que é aceito pela sociedade.

O conselheiro cristão tendo a firme convicção de que a vontade de Deus é boa, perfeita e agradável (Rm 12.2), pode enfrentar a resistência da mentalidade da sociedade através da disposição mental, “onde está o tesouro aí estará o coração” (Mt 6.21). Esta é fruto de uma busca sincera e corajosa de compreensão da vontade de Deus, orientada pelo Espírito Santo (Jo 14.26). Ter Jesus Cristo como modelo é enfrentar os impulsos sexuais, entendendo que fora do contexto do casamento é pecado.

4.2.5 Proteção de um Grupo de Apoio

Collins recomenda que o conselheiro tenha um grupo de apoio de um ou dois confidentes para fortalecê-lo em sua atividade.⁵¹ Isto é necessário, pois, o conselheiro é uma pessoa que tem dificuldades em ser fiel a Deus e de resistir à atração sexual.

O compartilhamento da confiança com um grupo de apoio começa com o próprio cônjuge do conselheiro. O casamento é um relacionamento interdependente, o bem-estar de um depende do outro, e isto, se faz com diálogo sereno e realista dos fatos. Se não for assim, o cônjuge poderá ser um parceiro sexual, mas não o companheiro amado, de vida cotidiana.

⁵⁰ COLLINS, Op. Cit., p. 37.

⁵¹ COLLINS, Ibid., p. 37.

As dificuldades enfrentadas pelo conselheiro são de todas as ordens como sua esposa ser estéril, a falta de um padrão sócio-econômico para não terem de morar na casa de familiares, a insatisfação de viver muito tempo afastados de seu cônjuge. Isto causado pela falta de diálogo, do compartilhamento de suas tristezas e dificuldades. O diálogo sincero evita desgastes desnecessários.

Um dos problemas e dificuldades que um conselheiro enfrenta diz respeito a relação aos impulsos e agitações sexuais, é fundamental que posições bem definidas e firmes sejam tomadas, como compartilhar da confiança com outro conselheiro ou amigo. A resposta concentra-se na decisão de enfrentar realidades de não envolvimento emocional com o aconselhado, mas quando é colocado nas mãos de Deus, ele sempre haverá de nos ajudar.

Um conselheiro que é submisso a Deus sempre receberá dele a sabedoria necessária para posicionar-se corretamente e com firmeza (estabilidade emocional e espiritual). Também, O conselheiro deve compartilhar de suas dificuldades e fraquezas sexuais, ou vários outros aspectos com sua esposa. Um dos confidentes que ajudaria na capacidade de resistência a atração sexual seria o próprio cônjuge do conselheiro. Do contrário, estará criando muros que dividem e destroem gradativamente seu relacionamento familiar, gerando uma inevitável insatisfação com o casamento.

5 – CONCLUSÃO

A expressão “aconselhamento bíblico” é usado hoje para descrever um ministério de ajuda. Este ocorre através do diálogo entre duas pessoas sobre um problema da vida pessoal, social e da igreja. É a possibilidade de conversação visando a solução conjunta de um problema e seu resultado.

O perigo no aconselhamento é a inclinação pelo abandono das verdades bíblicas, uma vez que é negligenciado a linha divisória entre o comportamento enganoso e a santificação. A santificação espiritual do conselheiro é o caminho para a vitalidade do aconselhamento pastoral, ou seja, é a fonte de autoridade e eficácia bíblica no aconselhamento.

Convém enfatizar que o espaço e o papel do conselheiro bíblico são determinados pelo uso das técnicas de aconselhamento. Estas são classificadas, a saber:

a) o aconselhamento de apoio é aquele que trabalha com o apoio emocional e espiritual para que haja mudanças de atitudes e de comportamentos do seu aconselhado, para que haja crescimento e maturidade;

b) a técnica diretiva é aquela que a figura central é representada pelo conselheiro, o qual domina o processo do aconselhamento, no sentido de reconhecer os fatos, analisá-los e interpretá-los;

c) o aconselhamento por confrontação é aquele em que o conselheiro fará uma confrontação entre o aconselhado através da disposição de enfrentar a sua situação, a confessar o seu pecado e a realizar o que for necessário para livrar-se do seu problema;

d) o método de informação e direção caracteriza-se pela indicação das pessoas, onde elas podem obter informações e como buscar a direção divina;

e) o envio do aconselhado a um especialista consiste na busca de ajuda de pessoas melhor treinadas. Faz-se necessário que o pastor tenha uma lista pessoal de nomes e endereços de psiquiatras, advogados e outras pessoas chaves, preferencialmente, de confiança, e crentes tementes a Deus;

f) o aconselhamento em grupo é aquele caracterizado por grupos pequenos com objetivo do estudo, da oração, a trabalhar juntos, e levar as cargas uns dos outros.

O comportamento pecaminoso, quando do envolvimento sexual do conselheiro e a aconselhada, conduz as falhas no aconselhamento. As consequências desse desvio de comportamento consistem em que a verdade bíblica é negada e ignorada. Então, o aconselhamento cede lugar para o envolvimento sexual, a situação espiritual e emocional do ser humano não melhora, pois, as pessoas se tornam dependentes de tratamentos que não lhes traz a cura profunda e permanente.

Finalmente, a valorização do espaço e do papel do aconselhamento bíblico ocorre quando a Bíblia é a fonte de ajuda para se compreender e aconselhar pessoas (2Tm 3.15-17; 2Pe 1.4). Na verdade, o conselheiro deve procurar viver uma vida piedosa (Mt 6.33; 2Tm 2.22), ensinar e ministrar o amor de um Deus vivo e verdadeiro, que trata do pecado e produz obediência (1Jo).

6 - REFERÊNCIAS.

- ANDERSON, Stanley E. **Cada Pastor um Conselheiro**. Trad. Harold Renfrow. Casa Publicadora Batista Rio de Janeiro, RJ. 1963. 200p.
- ARTHUR, John F. Mac Jr. **Introdução ao aconselhamento bíblico**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 437p.
- CHEDD, Russell P. **Bíblia Nova**. Ed. Revista e atualizada no Brasil. Ed. São Paulo: SBB, 1989. 2205p.
- CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**. 3ª. ed. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulus; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. 427p.
- COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. 12ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. 389 p.
- _____. **Ajudando Uns aos Outros: O papel dos cristãos no aconselhamento**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova. 1982. 190p.
- FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A Prática da Conversação Pastoral**. Trad. Sílvio Schneider: Sinodal. Sao Leopoldo, RS. 1962. 182p.
- FRIESEN, Albert. **Cuidando do Ser: Treinamento em Aconselhamento pastoral**. Curitiba: Esperança, 2000.
- HOFF, Paul. **O pastor como conselheiro**. 4. ed. São Paulo: Vida, 2002. 288p.
- MACARTHUR, John F.Jr., MACK, Wayne A. **Introdução ao Aconselhamento Bíblico**. trad. Enrico Pasquini. 1ª.ed. São Paulo: Hagnos, 2004.
- MANÓIA, V. James. **Aconselhamento Pastoral**. São Paulo: Aste 1962.